

A PRODUTIVIDADE DISCURSIVA DE “TREM” NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO FALADO EM GOIÁS

Natália de Paula Reis¹

GT 11 – Linguagem, Discurso e Identidades

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar a construção “trem” e sua produtividade em dados de fala do português falado em Goiás. Tenciona-se ainda certificar a hipótese de que o que ocorre com a construção “trem” possa se tratar de uma mudança construcional lexical, uma vez que, por meio dos estágios de mudança, origina-se uma construção, principalmente, de conteúdo, acarretando em uma nova construção de nível lexical na língua. Nesse contexto, este estudo baseou-se nos postulados teóricos funcionalistas da linguagem de Givón (1995) e Neves (1997), nas abordagens sobre mudanças construcionais de Traugott and Trousdale (2013), Goldberg (2003) e Boas (s/d), nos estudos de Karnopp (2006), Koch (2005) e Koch, Morato e Bentes (2005) sobre referenciação, dentre outros. O *corpus* de análise compreendeu os dados coletados pelos integrantes do Projeto Fala Goiana, da Universidade Federal de Goiás e disponibilizados no sítio <<https://gef.letras.ufg.br/>>. Após um levantamento no *corpus* de todos os usos de “trem”, e procurando estabelecer articulações entre os dados coletados e os referenciais teóricos da pesquisa, as ocorrências foram examinadas, analisadas e interpretadas, sob a perspectiva do Funcionalismo, da Mudança Construcional e da Linguística Textual. Por meio da análise proposta, constatou-se, dentre outras questões, que a construção “trem” é bastante produtiva na fala goiana e revela parcialmente a identidade linguística dessa comunidade. Além disso, percebeu-se que, para além de sua foricidade, “trem” possui especificidades sintáticas, semânticas e pragmáticas. Notou-se ainda que, dentre outras características, essa construção apresentou nos usos referência vaga, ausência de marcas de plural e flexão de gênero.

Palavras-chave: Construção “trem”. Mudança. Produtividade. Fala Goiana. Foricidade.

Introdução

A palavra “trem”, como palavra ‘curinga’ para se referir a qualquer coisa, não é usada somente pelos mineiros, tal como atestam alguns estudos (KOCH, 2005; OLIVEIRA, 2015), mas também pelos goianos. Em torno do exemplar “trem”, agrupam-se outras palavras do mesmo eixo semântico-pragmático, que também podem ser inseridas no discurso para

¹Natália REIS, Mestranda

Universidade Federal de Goiás (UFG), Programa de Pós-Graduação Letras e Linguística

E-mail: nataliaah.r@hotmail.com

substituir determinado termo, tais como “negócio” e “coisa”. Apesar de a palavra “coisa” ser considerada um nome geral mais representativo que “trem” (OLIVEIRA, 2015), este estudo se debruçará sobre a última, na medida em que esta é bastante produtiva na fala goiana.

Essa lexia tem sido objeto de interesse de alguns estudiosos da área dos estudos linguísticos, como é o caso de Koch (2005), Amaral (2013, 2014), Oliveira (2015) e Oliveira (2016). No entanto, a maioria desses trabalhos trata essa palavra como um **nome geral**², e não como uma construção, conforme propõe essa pesquisa. Além disso, ao verificar na literatura até então existente sobre estudos que tratam de “trem” em dados de fala da língua brasileira (ou Português Brasileiro), percebe-se que há pesquisas acerca dessa palavra somente no português falado em Minas Gerais.

Respaldado na carência de estudos que considerem “trem” em relação à variante goiana do português e também pela necessidade de estudos que tratem esse fenômeno sob as perspectivas do funcionalismo e da mudança construcional lexical, este trabalho propõe investigar “trem” como uma construção que pode ser tratada sob o enfoque semântico, sintático, pragmático e textual-discursivo, tal como propõem os estudos Funcionalistas da linguagem (GIVÓN, 1995; NEVES, 2007).

Além de se fundamentar nos trabalhos sobre Funcionalismo e Mudança construcional de Goldberg (2003), Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2013), este estudo ancora-se também nas pesquisas de Karnopp (2006), Koch (2005), Koch e Marcuschi (1998), Koch, Morato e Bentes (2005) e Mondada e Dubois (2003), que, ao discutirem a noção de referenciação, contribuíram para a interpretação das funções textuais/fóricas de “trem”.

Esse trabalho trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa dos dados, ou seja, uma análise que, sem o intuito de quantificar resultados, se volta de forma exploratória para a descrição, análise e interpretação dos variados contextos em que se dá a construção “trem” na fala goiana. Trata-se ainda de uma pesquisa documental, tomando os dados de fala como documentos, e, analisando-os a partir de materiais bibliográficos (livros, artigos, periódicos etc)

²**Nome geral**, segundo Halliday e Hasan (1976), é um caso limítrofe entre um item lexical (caracterizado por pertencer a classes abertas de palavras, lexemas concretos que se inserem em um sistema aberto) e um item gramatical (signos linguísticos “vazios”, palavras acessórias que pertencem a um sistema fechado).

Os dados da pesquisa foram provenientes do *corpus* de língua falada coletado pelo Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF) da Universidade Federal de Goiás. Ao total foram analisados 18 arquivos de transcrições de entrevistas monitoradas de aproximadamente 60 minutos, por colaboradores que integram a comunidade de fala no estado de Goiás, realizadas por Silva (2005) com 12 moradores da Cidade de Goiás, e mais 6 transcrições de entrevistas com moradores da região metropolitana de Goiânia.

A análise dos dados integrou evidentemente os conhecimentos teóricos estudados anteriormente. Cabe ressaltar ainda que, na realização da análise, o pesquisador atentou-se para os diferentes contextos em que se deu a construção e considerou, de forma indissociável, os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos em que se inseriram os usos, tal como pressupõe a perspectiva funcionalista da linguagem. (NEVES, 1997)

Foram encontradas no *corpus* um total de 57 ocorrências de “trem”. Em suma, a construção “trem” foi bastante produtiva na fala goiana, em contraposição ao estudo de Oliveira (2015), que observou apenas três ocorrências dessa palavra no *corpus* de fala mineiro, o que é de extrema relevância para os estudos referentes a “trem” e o que aponta para a ideia de que essa construção se mostra como representante da identidade goiana.

Fundamentação teórica

Dentre as diferentes concepções de construção, ressalta-se para este estudo a de Goldberg (2003), que, buscando uma definição, trata construções como emparelhamentos de forma e função armazenada. Além disso, conforme acrescenta a autora, “qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto da sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir dos seus componentes ou de outras construções reconhecidas por existir.” (GOLDBERG, 2006 *apud* BOAS, s/d).

Ademais, nota-se ainda que a construção “trem”, enfoque desse trabalho, trata-se de uma construção atômica, ou seja, é composta somente por uma palavra. Mesmo que sejam pouco comuns trabalhos de pesquisa que têm como objeto de estudo construções atômicas, essa proposta tem validade e ancora-se em estudos que consideram esse tipo de organização uma construção (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013; GOLDBERG, 2003).

Traugott e Trousdale (2013) destacam ainda que a construção é um dado linguístico empírico passível de mudança (como trem, até, um belo dia, lavar a égua, botar pra quebrar etc) e que a construcionalização é o processo de mudança gramatical, ou seja, um pareamento nova-forma e novo-sentido das construções.

Para eles, mudanças só formais ou só semânticas não caracterizam construcionalização, são apenas mudanças construcionais. Dessa forma, “uma mudança construcional é uma mudança que afeta uma dimensão interna de uma construção. Ela não envolve a criação de um novo nó³.” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 26). Nesse contexto, consideramos “trem” uma construção, e, percebendo-a em seu percurso histórico, entendemos que passa pelo que Traugott e Trousdale (2013) chamam de mudança construcional.

Para a compreensão desse processo de mudança construcional por que passa a palavra “trem”, faz-se necessário ainda investigar as três propriedades fundamentais discutidas por Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2013): **produtividade**, **esquemacidade** e **composicionalidade**. Nessa perspectiva, as análises dos usos compreendem, a questão da frequência, o nível de esquemacidade das construções e o grau de transparência/opacidade entre forma e significado no nível da construção.

A **produtividade** é considerada gradiente, na medida em que se refere à habilidade de elementos de formação de palavras serem usados para formar novas expressões linguísticas. (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Além disso, vale ressaltar que a produtividade está associada à frequência. Bybee (2013) distingue frequência *token* (o número de vezes que a mesma unidade ocorre no texto) de frequência *type* (o número de expressões diferentes que determinado item possui). Nesse contexto, a produtividade de uma construção relaciona-se com a recorrência de seus usos, uma vez que quanto mais usada uma construção é, maior a quantidade de instanciações distintas dessa construção, e consequentemente maior sua produtividade.

A **esquemacidade**, por sua vez, conforme afirmam Traugott e Trousdale (2013), diz respeito a uma propriedade de categorização que envolve abstração, na medida em que um

³ Tendo em vista que há uma rede de construções, as mudanças que afetam uma construção podem ou não levar à criação de um pareamento entre forma e função, ou seja, a criação de um novo signo (um novo nó na rede). É quando ocorrem mudanças na forma e no conteúdo.

esquema é uma generalização taxonômica de categorias, sejam linguísticas ou não. Cabe ressaltar ainda que há diferentes níveis de esquematicidade, que estão relacionados ao grau de convenção da construção, ou seja, quanto mais esquemática for uma construção, mais convencionalizada ela é. Nesse sentido, a esquematicidade está associada à produtividade da construção, à sua gradiência.

Juntamente com a produtividade e esquematicidade, um dos fatores que determinam a arquitetura de uma construção é a **composicionalidade**. A composicionalidade é concebida em termos de transparência entre forma e significado. (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Nesse contexto, se uma construção é considerada semanticamente composicional, é possível depreender o significado de cada item individual, como em “menina bonita”, em que o significado de menina e o significado de bonita são igualmente preservados. Caso não seja composicional, haverá incompatibilidade entre o significado dos elementos individuais e o sentido do todo, ou seja, aquilo que, na forma, apresenta dois ou mais itens linguísticos, como em “pé-de-moleque”, forma uma unidade significativa. Não haverá, portanto, significado separado de cada parte.

Análise e discussão dos dados

Tendo em vista que a produtividade, segundo Traugott e Trosdale (2013) está ligada ao número de vezes que uma determinada sequência ocorre em um texto ou *corpus* (frequência *token*) e ao número de diferentes expressões de um padrão particular (frequência *type*), percebeu-se que, em relação às ocorrências no *corpus*, a construção “trem” foi bastante produtiva na fala goiana.

De um total de 57 ocorrências (*token*) de “trem” encontradas no *corpus*, 47 usos corresponderam ao sexo feminino, e 14 usos, por sua vez, ao sexo masculino. Percebe-se que os dados revelam um maior índice de usos de “trem” pelo sexo feminino. Isso se deve, provavelmente, ao fato de que, conforme afirmam Mollica e Braga (2003), as mulheres parecem introduzir na língua elementos inovadores, como é a construção “trem”.

Considerando-se o critério da esquematicidade, outro fator de mudança construcional

discutido por Traugott e Trousdale (2013), percebeu-se que a construção “trem” pode ser considerada parcialmente esquemática, na medida em que engloba *slots* para serem preenchidos e recruta diferentes itens para compor a construção, tais como: artigo, pronome demonstrativo, verbo, pronome possessivo, advérbio e pronome indefinido. De um total de 57 construções, 26 usos de “trem” foram antecipados por artigos, 16 antecipados por pronomes demonstrativos, 9 antecipados por verbos, 3 por pronomes possessivos, 2 por advérbios e 1 por pronome indefinido. Ilustra-se abaixo alguns desses usos:

(1) aí eu guentei a mão com ele lá trabalhano sem pegá oro... um dia ele mesmo falô pra mim... falô ó Zé Carlo faiz o seguinte... **o trem** num tá dano mesmo e ocê tá precisano de dinheiro... se você quis é arrumá otro serviço você pode arrumá... (JCRO, M, 30)⁴

(2) só sete anos... que ele morreu... aí peguei eis me... Monsenhor Pedro chegô aqui eu tava cum a casa caída... **meus trem** quebrô tudo, cabô tudo... meus minino... eu machuquei demais a cabeça... fui pro hospital... (MAJ, F, 65)

(3) Tô baruiano... baruiano... num gosto de... se eu vê **algum trem** fora do lugar eu já bri::go... aí... é... tá cansada e minino num... num entende né? aí tem dia eu falo assim... ah tá tudo pequeno... minha mãe direto fala assim ó... cê tem que ensiná a Natália arrumá a casa... fazê as coisa direitim... (SBLs, F, 28)

Com base nos usos acima notamos que a construção “trem” faz parte do esquema [X trem], em que X é uma variável e, nesse sentido, pode ser preenchida por diferentes itens linguísticos, pertencentes a diferentes classes de palavras, em (1) esse esquema é preenchido por [artigo + trem], em 2 por [pronome possessivo + trem] e em (3) por [pronome indefinido + trem]. Além disso, a partir desse esquema podemos perceber as diferentes funções sintáticas que “trem” assume. No uso (1), “trem” é considerado um sujeito, na medida em que o verbo concorda com ele: o trem (trabalho) não tá dano. Em (3), por sua vez, é considerado objeto, posto que constitui argumento interno da forma verbal “quebrô”.

Cabe ressaltar que, mesmo havendo o esquema [X trem], a construção “trem” mantém parcialmente a sua composicionalidade (níveis de predicabilidade do sentido do todo a partir do sentido das partes), uma vez que o acesso semântico-pragmático à unidade não precisa ocorrer de forma integrada.

⁴ Na sequência temos o nome do colaborador, o sexo e a idade.

Além dos contextos sintáticos de usos mencionados, utiliza-se “trem”, principalmente, em contextos semânticos em que o nome do referente é esquecido pelo falante. Nos dados abaixo, o próprio informante ressalta esse esquecimento:

(4) Já de idade já... e juntava com nós pra brincá né...brincava de bete brincava de escondê brincava de... aquele como que fala... é... Oh meu Deus do céu... AH AMARELINHA... i tinha aquele outro tamém... aquele... aquele **negócio** que põe na mão esqueço o nome daquele **trem**... comé que é ? (JS, M, 36)

(5) com/é que fala aquele biquim... ah que põe na caixa de engraxate eu esqueço o nome daquele **trem** que a gente amonta que... que... ah... esqueço o nome daquele **trem** lá... qu/eu amontei lá na rodoviara... (JS, M, 36)

Em ambos os usos, o falante utiliza a construção “trem” para substituir determinada palavra esquecida por ele. Em (4) “trem” é utilizado para se referir a determinada brincadeira, da qual o falante não se lembra, e em (5) para se referir ao nome do bico que se coloca na caixa de engraxate. Vale ressaltar ainda que no uso (4), concomitante ao uso de “trem”, o falante utiliza a palavra “negócio” que pode ser, semanticamente, considerado seu equivalente, tal como afirma Koch (2005).

Destaca-se ainda, no plano textual, a função fórica de “trem”, conforme se pode verificar nos usos (6) e (7):

(6) porque as ambição foi demais né...eu peguei e falei pra ela... Tatiane larga de mão disso qu/eu num quero nada... é um **trem** qu/eu num gosto...eu num gosto de ambição eu quero o que é meu... ai ela pegô e falô... não se mais os menino pegô tudo ocê num tem direito? (JS, M, 36)

(7) Nesse tempo eu bebia muito... olha... si eu saí cum essa mulher de fogo...vai que eu faço esse **trem** e gosto desse negócio... de jeito: : nenhum... pois num é que tem uns deiz anos e até hoje a mulhé mi liga... quereno saí cumigu... (APS, F, 33)

Percebemos, nesses dois usos, que a construção “trem” possui a função de introduzir determinado elemento no discurso. Em (6), percebe-se que o falante utiliza “trem” para se

referir a uma entidade abstrata que foi apresentada anteriormente, neste caso, a ambição. Já no uso (7), o falante utiliza “trem” para retomar o ato de beber.

Nota-se que, além da função fórica da construção “trem”, salientam-se outras propriedades como, por exemplo, sua referência vaga, a ausência de flexão de gênero e de marca de plural, que podem ser observadas nos dados abaixo:

(8) Pois é... trabaia... e num... num dava conta de comprá **meus trem**... as muchila né... qu/eu queria... que via as criança tudo:::... cas coisa né? e num podia comprá... (SBLs, F, 28)

(9) cês dois vai posá aí não, cês dois... um posa no caminhão, o ôto posa noto vigiano o material... a hora quele falô sim, eu falei: “pronto”... agora danô... nói nu mei de gente istrãei... primêra vêiz sai de casa que... vigiá **esse trem**... naquele tempo parava... passava queis caminhão.... queis carreta tudo incostada assim perto da pensão tudo.. (BFS, M, 65)

Conforme se pode perceber, há a ausência de marca de plural nos usos, na medida em que ambos os informantes, ainda que se pressuponha a necessidade do uso de plural, utilizam a construção “trem” no singular. Em (8), mesmo havendo o pronome possessivo no plural “meus”, a forma “trem” permanece no singular. Quanto à ausência de flexão de gênero, percebe-se que “trem” é utilizado para referir-se tanto a entidades femininas (mochilas) em (8), como a entidades masculinas (caminhão) em (9). Nos usos, não há, portanto, a presença da flexão de gênero, posto que, mesmo ao se referir semanticamente a uma entidade feminina, “trem” permanece na forma masculina: “meus trem” / “esse trem”. Acerca de sua referência vaga, percebemos que “trem” pode se referir a diferentes objetos no mundo, como em (8) que é utilizado para se referir a mochila, e em (9) que é utilizado para se referir ao material que estava no caminhão.

Diante disso, percebemos a importância do estudo da construção “trem” na fala goiana, especialmente sob a perspectiva funcionalista, uma vez que a análise da construção considerou tanto aspectos sintáticos, semânticos como pragmáticos. Desse modo, diante da relevância e fecundidade dessa temática, outras questões referentes à construção “trem” poderão, se for o caso, integrar uma nova pesquisa.

Considerações finais

Alinhados aos objetivos da pesquisa, investigaram-se os contextos sintáticos, semânticos e pragmáticos em que se deram os usos. Quanto ao contexto sintático de ocorrência da construção, observamos que “trem”, provavelmente devido à sua esquematicidade, é antecedido, normalmente, por itens linguísticos que formam o padrão “X trem”, em que X é uma variável que pode tomar o valor de um artigo, pronome demonstrativo, verbo, pronome possessivo, advérbio e pronome indefinido, dispostos nessa ordem por representarem em ordem decrescente o mais recorrente até o menos recorrente no *corpus*. Diante disso, a partir do esquema [X trem], “trem” tende a assumir funções sintáticas de sujeito e objeto.

No que diz respeito ao aspecto semântico, a construção “trem” passa por uma mudança semântica. Em relação ao sentido inicial de “trem”, anterior à mudança semântica, provavelmente a origem etimológica dessa construção veio do latim “trabere”, conforme se pode observar no dicionário de Bluteau (1712). Nesse contexto, destaca-se ainda a polissemia dessa construção, uma vez que se pode referir tanto ao comboio ferroviário **trem**, como a qualquer “coisa”, “substância” concreta ou abstrata.

Em relação ao aspecto pragmático, observou-se que a construção “trem” é muito produtiva, na medida em que o falante a utiliza quando não se lembra do vocábulo adequado ou não acha necessário repeti-lo, conforme destaca Fulgêncio (1983). Ainda em relação aos aspectos pragmáticos, a construção X-trem ocorre em contextos comunicativos em que há certo grau de informalidade exigida pela situação. Em situações formais, possivelmente, a construção seria substituída por palavra mais específica.

Além disso, em relação aos aspectos textuais da construção “trem”, nota-se que este possui função fórica, na medida em que o falante a utiliza para retomar ou antecipar outras expressões no discurso, como maneira de contribuir para a continuidade referencial do texto.

Diante de tudo isso, é importante ressaltar que este estudo teve o propósito, como já foi dito anteriormente, de contribuir para analisar a construção “trem” na fala goiana sob o ponto de vista funcional, o que não desconsidera o trabalho com esse fenômeno sob outras

perspectivas. Dessa forma, não se pretende, nem seria razoável, pretender esgotar esse assunto, pois ele possui um espectro amplo para ser aprofundado.

Referências

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Análise de um nome geral na fala dos mineiros: para que serve esse trem?. *Revista Trama*, v. 10, n 20, 27-43, 2014.

_____. Os nomes gerais em três localidades mineiras: Campanha, Minas Novas e Paracatu. *Todas as Letras*, v. 15, n. 1, p. 138-151, 2013.

BLUTEAU, Rafael. Vocabulário português e latino. Catálogo eletrônico IEB/USP, Instituto de Estudos Brasileiros. Disponível em: <http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/>. Acesso em: 04 Mai 2016.

BOAS, Hans. *Cognitive Construction Grammar*. University of Texas at Austin. s/d.

BYBEE, Joan. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: TROUSDALE; HOFFMANN (EDS.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press, 2013.

FULGÊNCIO, Lúcia. *O Problema da interpretação dos elementos anafóricos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1983.

GOLDBERG, Adele Eva. Constructions: a new theoretical approach to language. Linguistics Department, University of Illinois. *Cognitive Sciences*. vol.7 n.5, USA, 2003.

GIVÓN, Thomas. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HALLIDAY, Michael.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman UK Group Limited, 1976.

KARNOPP, Lodenir. II Linguística textual. In: ONICI, Flôres. *Teorias do texto e do discurso*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Léxico e progressão referencial. In: *Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela*. v. 1. Faculdade de Letras da Universidade do porto: Porto, 2005.

_____; MARCUSCHI, Luiz Antonio. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A*, v. 14, p.



1088

169-190, 1998. (número especial).

_____; MORATO, M. E.; BENTES, A. C.(Org.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, Maria Helena Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Fernanda. A relação entre nomes gerais e pronomes indefinidos na fala mineira. *Revele*. n. 8,UFGM,maio/2015

OLIVEIRA, Luanna Sousa do Nascimento. O uso de anáforas por nomes gerais no português caeteense. *Caletroscópio*, v.4, 2016. (número especial).

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. Grammatical constructionalization. In: *Constructionalization and Constructional Changes*. 2013. p, 112-135.